

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR**

2016/2017



TH

**WIT - *WEAPONS INTELLIGENCE TEAM*. IMPLEMENTAÇÃO DO
CURSO DE WIT E INCREMENTO DE COMPETÊNCIAS E CAPACIDADES**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO
ASSIM DOUTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS
OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.**

**Marco Duarte Bonifácio Ferreira
CAP/PA-OFI**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**WIT - *WEAPONS INTELLIGENCE TEAM*.
IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE WIT E
INCREMENTO DE COMPETÊNCIAS E CAPACIDADES**

CAP/PA Marco Duarte Bonifácio Ferreira

Trabalho de Investigação Individual do CPOS

Pedrouços 2017



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**WIT - *WEAPONS INTELLIGENCE TEAM*.
IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE WIT E
INCREMENTO DE COMPETÊNCIAS E CAPACIDADES**

CAP/PA Marco Duarte Bonifácio Ferreira

Trabalho de Investigação Individual do CPOS

Orientador: TCOR/TMMA Joaquim Manuel Martins do Vale Lima

Pedrouços 2017



Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, Marco Duarte Bonifácio Ferreira, declaro por minha honra que o documento intitulado “WIT – *Weapons Intelligence Team*. Implementação do Curso WIT e incremento de competências e capacidades” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do CPOS 2016/2017 no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 26 de junho de 2017

Marco Duarte Bonifácio Ferreira
CAP/PA-OFI



Agradecimentos

Ao meu filho Santiago, por ser o meu rumo e a minha orientação maior.

Aos meus pais, por todo o apoio nesta fase da vida.

Ao meu orientador, pela sua experiência e capacidade de transmitir os conhecimentos necessários.



Índice

Introdução	1
1. Estado da Arte, Modelo de Análise e Metodologia	4
1.1. Revisão da Literatura	4
1.1.1. C-IED	4
1.1.2. WIT	5
1.1.3. Ciclo de informações C-IED	6
1.1.4. Sistema de exploração C-IED	6
1.2. Modelo de Análise	7
1.3. Metodologia	8
2. Do treino C-IED na fase de aprontamento.....	10
2.1. Aprontamento e Treino C-IED	10
2.2. O treino C-IED e o incremento de capacidades nas FND	12
2.2.1. Treino <i>predeployment</i> e <i>in theatre</i>	12
2.2.2. TTP	13
3. Da capacidade WIT no C-IED	15
3.1. Capacidade WIT	16
3.2. Contributo do WIT para o treino C-IED.....	18
3.2.1. Implementação	19
3.2.2. Exploração autónoma	20
Conclusões	22
Bibliografia	27

Índice de Apêndices

Apêndice A — Mapa Concetual.....	Apd A - 1
Apêndice B — Guião de Entrevistas	Apd B - 1
Apêndice C — Entrevistas	Apd C - 1



Resumo

O Terrorismo está identificado como uma das principais ameaças transnacionais sendo os *Improvised Explosive Devices* (IED) a arma de eleição das organizações terroristas. Neste âmbito surge o *Countering-Improvised Explosive Devices* (C-IED) como conceito doutrinário no combate ao IED, estruturando a sua capacidade nas Informações e na multidisciplinaridade. Assim, a preparação de Forças Nacionais Destacadas (FND) que vão ser projetadas para ambientes operacionais com ameaça IED identificada, torna-se de grande relevância. Este trabalho de investigação foca-se na forma como se pode incrementar capacidades C-IED nas FND. Analisa os vários conceitos que estão associados, segundo a visão do autor, inferindo por áreas diretamente relacionadas. Desta forma, o treino C-IED sustentado nas Táticas Técnicas e Procedimentos (TTP) mais atualizadas e adequadas apresenta-se como o vetor mais direto para esse incremento. Sendo que, para esse treino ser efetivo tem de ser baseado no fornecimento de TTP, as quais devem estar acessíveis fácil e prontamente. Surge então o *Weapons Intelligence Team* (WIT) como conceito, capaz de providenciar oportunamente o resultado final do seu trabalho, as TTP. Conceitos complementares e dependentes que articulam o treino das FND e que permitem uma melhor preparação da Força ao ambiente operacional do Teatro de Operações.



Forças Nacionais Destacadas, *Improvised Explosive Devices*, *Countering-Improvised Explosive Devices*, Treino C-IED, *Weapons Intelligence Team*, Táticas, Técnicas e Procedimentos.



Abstract

Terrorism is one of the principal identified transnational threats and Improvised Explosive Devices (IED) the weapon of choice of terrorist organizations. According with this, Countering-Improvised Explosive Device (C-IED) doctrinal concept has emerged to combat the IED, sustaining is capacity in Intelligence and multidisciplinary. Therefore it becomes high relevant the preparation of the Detached National Forces (DNF) when being projected to an operational environment with an identified IED threat. This investigation work focus on the way how to increase C-IED skills in the DNF. Analyses the different concepts associated according the author's perspective, inferring through related areas. In this way, the C-IED training, sustained in the most actual and accurate Tactics, Techniques and Procedures (TTP), is one of the most direct vector of increasing skills. Wherein that training to be effective must be based in the supply of TTP, which should be easily and readily accessible. Then arises the Weapons Intelligence Team (WIT) as a concept, timely capable of providing the final result of his work, the TTP. Complementary and dependent concepts that articulate the DNF training and that allow the Force a better preparation to the operational environment of the Theatre of Operations.

Keywords

Detached National Forces, Improvised Explosive Devices, Countering-Improvised Explosive Devices, C-IED Training, Weapons Intelligence Team, Tactics, Techniques and Procedures.



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ACIED - *Allied CIED Publication*

AintP - *Allied Intelligence Publication*

AJP - *Allied Joint Publication*

AOR – *Area of Our Responsibility*

CA – Comando Aéreo

CEMFA – Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

C-IED – *Countering IED*

COE – *Centre of Excellence*

COIN – *Counter Insurgency*

CPOS – Curso de Promoção a Oficial Superior

EOD – *Explosive Ordnance Disposal*

DMSA - Direção Manutenção de Sistemas de Armas

FA – Força Aérea

FFAA – Forças Armadas

FND – Forças Nacionais Destacadas

FP – *Force Protection*

GCSMFA – Gabinete Coordenador de Segurança Militar da Força Aérea

IED – *Improvised Explosive Device*

Intel - *Intelligence*

IUM – Instituto Universitário Militar

LOFA – Lei de Organização da Força Aérea

NATO – *North Atlantic Treaty Organization*

PD – Pergunta Derivada

PP – Pergunta de Partida



SOP - *Standard Operating Procedures*

TECHINT - *Technical Intelligence*

TII – Trabalho de Investigação Individual

TO – Teatro de Operações

TTP – Táticas, Técnicas e Procedimentos

WIT – *Weapons Intelligence Team*



Introdução

As teorizações sobre a guerra moderna e a sua evolução apontam para um ponto comum e que não oferece dúvidas na sua interpretação: o carácter da guerra vai continuar a mudar, a evoluir, tornando-se mais complexo e assimétrico, tendo em conta que os adversários dos Estados não estão bem definidos e tentam misturar-se (NATO, 2012, pp. 1-1). Neste âmbito emerge o conceito de Terrorismo como arma de eleição de muitos dos adversários assimétricos, que garante a capacidade para, com poucos meios e com ataques cirúrgicos, alterar comportamentos, modos de vida e, acima de tudo, instalar o terror e a insegurança nas populações, nomeadamente com a utilização de engenhos explosivos improvisados.

Num contexto de constante adaptação e flexibilização às táticas do adversário surge o *Countering IED* (C-IED) como estratégia no combate ao *Improvised Explosive Device* (IED), em que o *Weapons Intelligence Team* (WIT) assume grande importância na construção e desenvolvimento do processo e particularmente, na regeneração e complementaridade do conceito. O WIT insere-se no sistema de exploração do C-IED tendo como um dos objetivos principais a identificação de Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) dos adversários, permitindo o apoio na tomada de decisão ao Comandante da Força, o treino e a definição de medidas adequadas de *Force Protection* (FP) (NATO, 2012).

Neste sentido, o treino C-IED de uma Força que seja projetada para um Teatro de Operações (TO) onde a ameaça relativa a IED seja elevada ou significativa, torna-se uma ferramenta fundamental para minimizar a perda de vidas. Contudo, este treino para ser efetivo tem de ser sustentado em informações atuais e reais, de acordo com o TO no qual a Força vai atuar. Estas informações culminam nas TTP dos insurgentes para as quais a Força tem de adequar o seu treino. A produção destas informações é conseguida através da exploração dos eventos de IED pelas equipas de WIT. A Força Aérea (FA) não possui a capacidade de WIT, ficando refém da divulgação que possa ser efetuada no circuito de *Intelligence* (Intel) das nações amigas.

A FA participa frequentemente com forças para as FND em vários tipos de missões decorrentes das alianças e dos compromissos assumidos por Portugal. Algumas dessas missões ocorrem em TO em que a ameaça de IED é elevada ou significativa (e.g. Afeganistão, Mali e República Centro Africana). A relevância significativa do treino é verificada no momento em que é necessário colocá-lo em prática e, dada a rápida



disseminação da informação e o impacto que esta tem na opinião pública, nenhum Comandante ou Chefe de Estado quer ver as suas Forças envolvidas em incidentes que possam levar a baixas ou ferimentos graves. Por outro lado, este tipo de notícias pode ter repercussões significativas na credibilidade e profissionalismo das Forças Armadas (FFAA) de um país, por poder indiciar a falta de preparação e treino. Inclusivamente e em última análise, pode colocar em causa a credibilidade e a capacidade diplomática de Portugal se afirmar como um participante ativo na coprodução de segurança internacional (Conselho de Ministros, 2017, p. 8), podendo ser equacionada a sua capacidade de participação em missões.

O objeto de estudo do Trabalho de Investigação Individual (TII) é o incremento de capacidades no treino C-IED das FND na FA, quando estas são destacadas para TO em que a ameaça relativa a IED é elevada ou significativa. A investigação encontra-se delimitada e enquadrada às forças projetadas pela FA através das FND e ao treino C-IED na fase de aprontamento.

O objetivo geral da investigação é identificar a forma mais adequada para incrementar capacidades C-IED nas forças projetadas pela FA para as FND, avaliando-a e analisando-a de forma a poder propor a sua adoção pela FA. Deste objetivo geral derivam os objetivos específicos que se consubstanciam nos seguintes: demonstrar que modo o treino C-IED, na fase do aprontamento, contribui para incrementar capacidades nas FND; interpretar o ciclo de informações C-IED e de que forma este se relaciona com o treino C-IED das FND; demonstrar de que forma o WIT define as TTP dos insurgentes; identificar formas para uma capacidade de WIT na FA incrementar capacidades nas FND.

Este trabalho de investigação tem a sua metodologia estruturada em três fases: exploratória, analítica e conclusiva, tentando responder à seguinte questão de investigação:

PP: De que forma a FA pode incrementar capacidades de C-IED nas FND quando da projeção para TO, em que a ameaça de engenhos explosivos improvisados é elevada ou significativa?

A metodologia utilizada nesta investigação assenta num tipo de raciocínio hipotético-dedutivo, com uma estratégia qualitativa e com um desenho de pesquisa de estudo de caso.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro far-se-á a revisão da literatura, a construção do modelo de análise e do estabelecimento da metodologia a seguir. O capítulo seguinte apresenta e analisa os dados recolhidos e considerados relevantes para a investigação da primeira pergunta derivada (PD). Por conseguinte, o terceiro capítulo



trata e analisa os dados que serviram de sustentação para a segunda PD. Por último e dando corpo à investigação, as conclusões, apresentam uma síntese da análise efetuada aos capítulos anteriores, o contributo para o conhecimento e as recomendações julgadas pertinentes.



1. Estado da Arte, Modelo de Análise e Metodologia

Neste capítulo apresenta-se informação relevante sobre o tema em desenvolvimento que decorre de um processo de revisão da literatura e que pressupõe identificar teorias, conceitos, estratégias e planos de pesquisa existentes e relacionados com o assunto em estudo. Tratar-se-á ainda de propor ou estabelecer um modelo de análise e a metodologia que orientará o autor nesta investigação.

1.1. Revisão da Literatura

Este subcapítulo identifica as teorias relacionadas com o objeto de estudo decorrentes da revisão da literatura. Os estudos ou a literatura existente sobre a problemática da investigação, são maioritariamente da doutrina NATO. A nível nacional, não foram encontrados estudos que relacionem o treino C-IED e o WIT com o incremento de capacidades nas FND, contudo foi consultada várias legislação que contribui para aprofundar a situação existente sobre esta matéria.

Os documentos NATO consultados foram os seguintes:

- *Allied Joint Publication (AJP)-3.15 (B) - Allied Joint Doctrine for Countering-Improvised Explosive Devices*. Esta publicação reúne a doutrina NATO no que concerne ao C-IED e as várias componentes que o constituem.

- *Allied CIED Publication (ACIEDP)-02 - NATO Weapons Intelligence Team (WIT) Capabilities*. É a publicação principal sobre o conceito de WIT e define as valências e as capacidades de WIT.

- *Allied Intelligence Publication (AIntP)-10 (A) - Technical Exploitation*. Documento que congrega os conceitos sobre a exploração técnica de eventos IED.

Nestes documentos foi possível identificar várias teorias e conceitos que se descrevem nos pontos que se seguem.

1.1.1. C-IED

O sistema C-IED, como sistema construído concetualmente para vencer o sistema IED, assenta em três pilares principais: atacar as redes, vencer o engenho e preparar a força. Estas três componentes são suportadas sempre e em todo o momento por uma base que relaciona e interliga essas componentes e todo o sistema C-IED: compreensão e informações (NATO, 2012, pp. 1-7).

Atacar as Redes IED é a componente que requer uma abordagem conjunta, interagências e multinacional. Consiste em atividades ofensivas e proactivas em larga escala, conduzidas pela Intel e que pode ir para além do TO, com o objetivo de interromper



as redes adversárias do sistema IED. A atividade assenta nas vulnerabilidades críticas do sistema IED, tais como, negar o abastecimento de componentes, recursos financeiros, líderes, especialistas, recrutas e a exploração adversária. A informação recolhida fornece uma visão sobre as capacidades e intenções, as relações do executante e a construção técnica do engenho.

Vencer o Engenho é uma componente de resposta principalmente militar constituída por atividades proactivas e reativas como resultado da suspeita ou da colocação de engenhos explosivos. O propósito destas atividades é conseguir liberdade para operar e atingir os objetivos principais da operação. As medidas tomadas nesta componente para mitigar, detetar e neutralizar IED têm um efeito imediato e diretamente, salvam vidas. A Intel recolhida da exploração transmite um novo conhecimento e permite o desenvolvimento de novas soluções táticas e técnicas para detetar e neutralizar engenhos e minimizar os seus efeitos.

A atividade de Preparar a Força é aplicável a todos os componentes da força e descreve as medidas necessárias para garantir que a força está devidamente preparada para operações e comprometida com a abordagem C-IED. A força necessita de um entendimento concreto sobre o ambiente de operação e da abordagem C-IED. Contudo, a força deve estar devidamente organizada, interoperável com outros aliados, equipada, doutrinada e treinada nas TTP para o nível adequado da sua operação. Os comandantes devem assegurar que a Intel sobre os IED e as respetivas TTP do adversário são rapidamente disseminadas e que as TTP amigas são modificadas para estarem atualizadas, apropriadas e efetivas tanto quanto possível. Todos os comandantes no terreno e as suas forças devem estar familiarizados com as TTP apropriadas para mitigar e reagir a eventos IED.

1.1.2. WIT

Para o C-IED, o WIT é um grupo de especialistas que investigam eventos IED. A sua principal tarefa é recolher, analisar, arquivar e disseminar informação tática e técnica e potenciais provas forenses para exploração. A WIT deve recolher material, entrevistar testemunhas e conduzir interrogatórios de detidos de acordo com as *Standard Operating Procedures* (SOP) (NATO, 2014, p. 2). O propósito da WIT é informar os comandantes da ameaça, das TTP inimigas e as alterações do sistema IED; fornecer material aos níveis superiores da exploração; apoiar o treino C-IED. O WIT contribui com diferentes tipos de Intel, especialmente *Technical Intelligence* (TECHINT).



1.1.3. Ciclo de informações C-IED

O ciclo de informações do C-IED insere-se no sistema de exploração e constituiu-se como uma das pedras basilares do sistema C-IED. É a componente de Compreensão e Informações que sustenta e alimenta os outros pilares. Para se perceber melhor este conceito devem ser relacionados os seus efeitos nos três pilares. Vencer o Engenho: há uma real necessidade de entender as características de um IED e o modo como estes serão empregues. Isto garante o desenvolvimento de treinos corretos, TTP adequadas e medidas efetivas de *Force Protection* (FP). Atacar as Redes: Compreensão e Informações supõem, atacar as atividades das redes através da identificação das ligações e dos pontos centrais, assim como providenciar a identificação de vulnerabilidades críticas e alvos. Preparar a Força: Compreensão e Informações vão garantir uma preparação apropriada da Força ao providenciar uma consciência situacional e cultural mais profunda e uma familiaridade com o meio ambiente antes da chegada. Serão utilizadas para planejar treinos e exercícios efetivos, habilitando o ensaio da missão e o desenvolvimento do correto pensamento e abordagem e das TTP.

1.1.4. Sistema de exploração C-IED

O sistema de exploração C-IED é o processo pelo qual os componentes do sistema IED são guardados e analisados de forma a melhor entender o sistema IED e os seus componentes. As atividades de exploração devem incluir a coleta e análise de informação tática, técnica e forense. Estas atividades contribuem para as seguintes: construir um entendimento de um sistema IED, principalmente, identificar as suas vulnerabilidades críticas e providenciar a contribuição da Intel para o *targeting*; identificar, confirmar, analisar e avaliar as TTP inimigas para determinar tendências, padrões para identificar fraquezas e vantagens; desenvolver e acurar as TTP das forças amigas e contribuir, para o treino de C-IED e da FP; desenvolver TECHINT detalhada para facilitar contramedidas técnicas para os IED; contribuir para o processo de lições levando a operações mais efetivas e a FP melhorada; providenciar dados para o ciclo de Intel. O atual sistema da NATO tem três níveis de exploração: exploração do terreno (nível 1), exploração no TO (nível 2) e a exploração fora do TO (nível 3).

Da legislação nacional consultada, verificam-se referências ao aprontamento de forças com a atribuição da respetiva responsabilidade, remetendo a aplicação na FA para uma Norma de Execução Permanente (NEP) e para os documentos que sustentam uma



projeção específica de Forças para as FND (Diretiva Operacional do CEMFA e Ordem de Operações do Comando Aéreo (CA)).

A legislação consultada foi a seguinte:

- Decreto-Lei nº187/2014 de 29 de setembro de 2014 - Lei da Organização da Força Aérea (LOFA).

- Decreto Regulamentar nº12/2015 de 31 de julho de 2015 – Estrutura Orgânica da Força Aérea.

- NEP/OPS-051 (A2) CA Abril 2011 – Qualificações Individuais dos Militares da FA no Desempenho de Funções Operacionais.

1.2. Modelo de Análise

O modelo de análise estrutura-se com a explanação das perguntas e das hipóteses em conceitos, dimensões e indicadores, refletindo-se no mapa conceitual, conforme o Apêndice A. Este modelo desenvolve-se na formulação de uma hipótese que o autor considera como uma potencial solução para o problema identificado. A hipótese que deriva da análise do autor e da sua experiência e subjetividade determina que, a fim de incrementar as capacidades de C-IED de uma FND que seja destacada para um TO em que a ameaça de IED é elevada ou significativa, é a de que os elementos constituintes da FND devem ter um treino C-IED adequado e realista para fazer face às TTP identificadas dos insurgentes. Que, para isso acontecer, a forma mais correta para o conseguir será através do WIT. Sendo necessário uma forma de exploração autónoma do WIT, ou seja, aplicação da capacidade do WIT na exploração do TO e consequente retroalimentação com Intel para a FND.

Decorrentes deste raciocínio, são identificadas as perguntas derivadas e as consequentes hipóteses:

PD1: De que forma o treino C-IED, na fase de aprontamento, pode contribuir para incrementar as capacidades das FND da FA?

H1: O treino C-IED na fase de aprontamento incrementa capacidades nas FND através da aplicação de TTP atualizadas e adequadas para fazer face às TTP dos insurgentes.

PD2: De que modo a capacidade de WIT pode contribuir para o treino C-IED?

H2: A capacidade de WIT contribui para o treino C-IED através da implementação dessa capacidade na FA e pela sua exploração autónoma diretamente no TO.



Os conceitos e respectivas dimensões que se revelam estruturantes para este estudo são os seguintes:

- **Incremento de capacidades:** aumento efetivo e significativo nas valências de uma Força ou de um militar, que se deve refletir na capacidade técnica para desempenhar uma função ou tarefa.

- **Exploração autónoma:** Capacidade de explorar um processo desde a sua geração até ao resultado final.

- **Implementação de capacidade:** processo de edificação de uma capacidade na Força a fim de a capacitar para a execução de uma determinada função ou tarefa.

- **C-IED:** capacidade que engloba várias componentes que complementarmente combatem os IED em todo o seu espectro.

- **WIT:** capacidade que contribui ativamente para o C-IED através da exploração técnica de eventos com IED.

- **Ciclo de informações C-IED:** processo que consiste em transformar informação recolhida de eventos IED em conhecimento útil para aplicação prática na definição de TTP e de treino.

- **Treino:** processo que consiste na transferência de conhecimento para as Forças, capacitando-as para o desempenho de determinadas funções.

1.3. Metodologia

O percurso de investigação é estruturado em três fases: exploratória, analítica e conclusiva.

Partindo dos dados para a teoria e da teoria para os dados, a metodologia de investigação empregue será a hipotético-dedutiva, sendo as observações determinadas pela teoria existente em que a formulação de hipóteses será verificada com dados apurados pelo método dedutivo e por sua vez esses mesmos dados permitem, através de um processo indutivo, inferir uma nova hipótese ou teoria. Na recolha de dados para a determinação de conclusões a estratégia utilizada será a qualitativa, privilegiando as entrevistas semiestruturadas e a análise documental.

O desenho de pesquisa que foi selecionado pelo autor por se adaptar à temática que está a ser estudada, é o estudo de caso. Considera-se a sua adequação pela recolha de informação pormenorizada de um objeto de estudo, em que não há intenção de manipular ou relacionar as variáveis, mas antes descrevê-lo de forma rigorosa (Santos, et al., 2016, p. 39).



Neste sentido, as fontes que permitiram recolher os dados para análise foram as seguintes: documentação NATO sobre o C-IED e WIT, documentação nacional sobre a defesa nacional, legislação interna da FA sobre aprontamento e pesquisa de trabalhos na *internet* sobre o aprontamento de FND e o treino C-IED. Ainda neste âmbito de recolha de dados, as entrevistas semiestruturadas buscam o conhecimento fundamentado na experiência de atores que pela sua função, posto ou experiência de causa, possam ser considerados com interesse, a qual deverá complementar ou corroborar a análise da pesquisa bibliográfica.

Assim, as entrevistas efetuadas foram as seguintes:

- Chefe do Gabinete Coordenador de Segurança Militar da FA (GCSMFA) - COR/PA Cristóvão Veliça;
- Chefe da Repartição de Informações (A2) do CA – MAJ/TOCC Fernando Fatia;
- COE C-IED Espanha – MAJ/PA Francisco Balhanas.

Os dados recolhidos através das entrevistas têm o propósito de analisar os indicadores definidos no mapa concetual e como tal o guião que originou a estrutura das entrevistas está refletida no Apêndice B. Por outro lado, as respostas às entrevistas estão explanadas no Apêndice C.

Desta forma, analisam-se as hipóteses definidas com os dados recolhidos que, independentemente de refletirem a realidade, permitem de fato afirmar sobre a possibilidade da realidade que se pretende validar (Quivy & Campehoudt, 2005, p. 135). É nesta perspetiva que serão apresentadas as conclusões, com o contributo para o conhecimento da análise e da verificação do caráter corretivo do conhecimento em ciências sociais. As conclusões permitem também uma avaliação do próprio modelo de análise construído na investigação. Prevendo-se a possibilidade de o conhecimento conter uma perspetiva muito subjetiva da realidade, mas que é a perspetiva do investigador e que como tal a analisa de uma forma diferente do até então estudado, ainda que possam ser considerações vulgares para uns (Quivy & Campehoudt, 2005, p. 244).



2. Do treino C-IED na fase de aprontamento

Neste capítulo, o autor desenvolve o seu raciocínio na perspetiva de analisar a informação recolhida com o propósito de responder à PD1 (De que forma o treino C-IED, na fase de aprontamento, pode contribuir para incrementar as capacidades das FND da FA?), através da respetiva hipótese criada (O treino C-IED na fase de aprontamento incrementa capacidades nas FND através da aplicação de TTP atualizadas e adequadas para fazer face às TTP dos insurgentes). Assim, este capítulo divide-se em dois subcapítulos: o primeiro referente à recolha de dados obtidos e o segundo trata da análise dos mesmos.

2.1. Aprontamento e Treino C-IED

Os dados recolhidos através das entrevistas estão no respetivo Apêndice C.

Concetualmente o treino C-IED surge na doutrina do C-IED associado ao pilar de Preparar a Força. Este pilar descreve as medidas de suporte e as atividades necessárias para preparar a Força para operações onde exista a ameaça IED. O aprontamento da Força não deve ser separado do ambiente operacional, deve projetar a complexidade e os desafios mais prováveis. O aumento da complexidade das exigências do ambiente operacional e o crescimento do alcance, âmbito e adaptabilidade dos adversários requer uma ágil e adaptativa abordagem. Para preparar a Força adequadamente para conseguir identificar e responder às ameaças emergentes torna-se necessário antecipar e aprender. Um aspeto importante a edificar e a consolidar no aprontamento da Força passa por integrar o conhecimento adquirido do processo das lições e da análise operacional.

As operações serão sempre incertas e isto é especialmente verdade num ambiente IED com um adversário versátil. A educação providencia uma fundação flexível e resiliente sobre a qual deve ser construído o treino. Para ser efetiva, a educação relacionada com o C-IED deve ser conduzida a um nível mais baixo para desenvolver, suficientemente cedo, a compreensão necessária para ser de real valor.

É essencial o desenvolvimento de mecanismos de treino e educação para planear e executar atividades abrangentes. Uma grande ênfase deve ser acautelada na compreensão do sistema IED, preparação de Intel e a aquisição e exploração de Intel relevante de uma grande variedade de fontes, sustentadas por uma gestão efetiva da informação. A preparação eficaz da Força exige que a abordagem à tarefa seja efetuada com a atitude e o conjunto de capacidades corretas.



Os requisitos de treino definem que a preparação para o C-IED deve incluir o treino inicial e o treino periódico de refrescamento. Deve ser multidisciplinar e amplo, sendo transversal às várias disciplinas que poderão ser exigidas interagir durante as operações. Todas as Forças devem treinar como pretendem operar de forma a desenvolver espírito de equipa, compreensão e procedimentos que serão necessários para uma abordagem C-IED de sucesso. Isto requer que durante a preparação as Forças sejam expostas a uma gama abrangente de capacidades militares, determinando que pessoal ou Forças dispersas possam funcionar como uma rede efetiva. A reprodução do ambiente operacional exige que os treinos e exercícios sejam conduzidos nas condições e no ambiente que mais se aproximem da complexidade, intensidade e escalada que seja expectável em operações. Reproduzir o ambiente operacional requer um pensamento inovador e métodos de treino. A simulação do treino para orquestrar Forças e para ensaiar exercícios tem sem dúvida valor. A capacidade necessária para reagir a eventos IED é mais fácil de reproduzir e foi conseguido um sucesso bastante notável em operações recentes com a construção específica de ambientes operacionais IED, permitindo o ensaio de procedimentos e aumentando a consciência situacional em ambientes realistas de treino (NATO, 2012, pp. 5-4).

A aprendizagem efetiva do processo de lições num ambiente IED salva vidas através da exploração dos sucessos e da correção dos erros. A mudança constante é uma característica que define o ambiente IED. Assim, a antecipação e a adaptação são um sinal de iniciativa. O propósito de um procedimento de lições é aprender eficientemente através da experiência e providenciar justificações válidas para alterar as práticas correntes de fazer as coisas. Isto irá melhorar o desempenho tanto no decorrer de uma operação como em futuras operações. Exige que as lições sejam significativas e que sejam trazidas à atenção das entidades apropriadas. Adicionalmente, existe a necessidade de estabelecer um processo de acesso fácil à informação de uma forma geral e encorajar a aprendizagem através das lições.

O aprontamento e treino C-IED de FND na FA estão na NEP/OPS 051 do CA. Refere quais os cursos e as formações que os militares devem possuir para serem integrados em FND. Designa que estes militares devem frequentar obrigatoriamente um Curso C-IED quando se prevejam deslocações dentro do TO onde a ameaça de IED esteja identificada. Que o referido curso deve ser ajustado ao grau da ameaça conforme a previsibilidade. Deste documento retiram-se dados muito relevantes para sustentar a



hipótese da adequação das TTP ao treino C-IED, na referência à prevenção, redução ou eliminação dos efeitos de IED em uso nos TO.

2.2. O treino C-IED e o incremento de capacidades nas FND

Neste ponto analisam-se as variáveis que se relacionam no sentido de verificar a realidade que se pretende testar com a formulação da primeira hipótese (H1). Esta análise permitirá saber se, para incrementar capacidades de C-IED nas FND a forma mais adequada é através do treino C-IED *predeployment* e da identificação das TTP. Importa referir que, para facilitar a compreensão, as referências às perguntas e respostas dos interlocutores estão abreviadas e devem ser verificadas no respetivo apêndice.

2.2.1. Treino *predeployment* e *in theatre*

O treino *predeployment* é o equivalente ao conceito de aprontamento de uma Força enquanto o treino *in theatre* corresponde ao efetuado com a Força já no TO.

Da análise efetuada aos documentos que sustentaram a pesquisa bibliográfica é possível afirmar que, estando identificada uma ameaça IED no TO, a forma mais adequada para se incrementar capacidades de C-IED é através do treino *predeployment*. Apesar de existir a noção de que os diferentes treinos são complementares e que, se o *predeployment* prepara a Força para o ambiente operacional, o *in theatre* permite à Força adaptar-se às alterações do ambiente operacional: “O aprontamento da Força não deve ser separado do ambiente operacional (...).” (NATO, 2012, pp. 5-1).

A doutrina NATO coloca um grande ênfase no treino como necessidade para a execução das operações num ambiente operacional em constante mutação, nomeadamente o ambiente IED. A relevância deste fator leva inclusivamente a NATO a atribuir como pilar fundamental no sistema C-IED a preparação da Força: “O sistema C-IED, como sistema construído concetualmente para vencer o sistema IED, assenta em três pilares: atacar as redes, vencer o engenho e preparar a força.” (NATO, 2012, pp. 1-7).

Todos os entrevistados foram coerentes nas respostas à P1 e P2 e consideram que para se incrementar capacidades nas FND para um ambiente operacional com ameaça IED devem ser ministrados conhecimentos relativos a C-IED: “Através da formação teórica e do treino do pessoal em C-IED, durante a fase de aprontamento.” (Fatia, 2017). Inclusivamente referem a importância de refletir o ambiente operacional nesse treino: “O desenvolvimento destas capacidades tem que assentar na obtenção de conhecimento preciso e atualizado das ameaças e das TTP neste campo.” (Veliça, 2017). Verifica-se que, apesar de os entrevistados referirem a importância do treino *in theatre*, consideram que a



base para o incremento de capacidades em C-IED para as FND tem de ser efetuado na fase de aprontamento (*predeployment*):

“(...) então o treino de C-IED é obrigatoriamente introduzido na fase do *predeployment*.” (Balhanas, 2017).

O conhecimento preciso e atualizado a que se refere o Coronel Veliça, focando as ameaças e as TTP, é a base de sustentação dos três pilares do C-IED, denominado como Compreensão e Informações. Este conceito acompanha e estrutura o C-IED.

A NEP do CA define que o curso de C-IED é requisito necessário para os militares que integrem FND. Que este tem como objetivo preparar os militares para o contato com IED em utilização no TO para o qual a Força vai ser projetada e que é adaptado ao nível de ameaça. Contudo faz uma ressalva, referindo que este não substitui a preparação específica da fase de aprontamento. Neste contexto verifica-se a correspondência direta entre o incremento de capacidades e o treino C-IED e a fase de *predeployment*.

“O tempo disponível para este aprontamento é, tradicionalmente, muito curto... Este habitual encurtamento do aprontamento compromete normalmente a área de C-IED...” (Veliça, 2017). Decorre desta ideia o défice que a FA indicia no C-IED nas FND.

Resumindo, a análise dos dados permite ao autor referir que o treino C-IED na fase de aprontamento possibilita a forma mais adequada de incrementar capacidades C-IED nas FND. Esta análise permite testar parcialmente a hipótese que sustenta este raciocínio.

2.2.2. TTP

Patente em todo o espectro da doutrina NATO relacionada com o treino e preparação da Força, as TTP identificadas dos insurgentes, são dos pontos mais cruciais a tratar. São estas que permitem à Força preparar-se para o ambiente operacional previsto. O autor através da hipótese (H1) interliga a correspondência entre as TTP e o incremento de capacidades C-IED. Desta forma, o incremento acontece com a aplicação das TTP no treino C-IED.

“A relevância de propor TTP para conduzir operações militares dentro do espectro complexo do ambiente de COIN onde exista a ameaça de IED.” (NATO, 2012, pp. 5-2). Esta ideia antecipa a importância das TTP, não só dos insurgentes como das nossas, como conceito base que determina o rumo e o planeamento das operações. Se por um lado a identificação das TTP dos insurgentes é o principal objetivo, por outro, estas vão indicar que adaptações devem as nossas TTP sofrer. No treino são trabalhadas as duas em simultâneo, complementando-se e orientando o treino em termos concetuais e práticos.



Exemplo desse raciocínio e dessa interligação é a frase seguinte: “Todos os comandantes no terreno e as suas forças devem estar familiarizados com as TTP apropriadas para mitigar e reagir a eventos IED.” (NATO, 2012, pp. 1-8).

Na resposta à pergunta três (P3) os entrevistados são coerentes em afirmar a relevância das TTP como fator determinante para um treino de C-IED atual e adequado ao TO. O Coronel Veliça responde de acordo com a situação existente na FA e tendo como conhecimento o processo de planeamento do aprontamento das FND da FA, por ser o GCSMFA o órgão responsável pelo planeamento da FP nesse aprontamento: “Por norma não o fazem. A abordagem é genérica.” Contudo, refere nas respostas à P1 e P6 a relação que deve existir entre as TTP e o treino, em como estas devem ser atuais para que o treino seja proficiente: “ (...) tem que assentar na obtenção de conhecimento preciso e atualizado das ameaças e das TTP neste campo.” (Veliça, 2017). Os entrevistados apontam as TTP como parte crucial do treino C-IED, tendo inclusivamente o Major Balhanas referido a dependência entre as TTP dos insurgentes e as nossas: “(...) Em que o treino operacional ministrado é suportado pelas informações mais atuais (...) incluindo a identificação das TTP utilizadas pelo Inimigo/Oponente e adoção das nossas TTP (...)” (Balhanas, 2017).

Através da análise da documentação que sustenta o aprontamento das FND na FA (NEP/POS 051) e apesar de esta não o referir literalmente, consegue-se inferir a importância das TTP no aprontamento: “ (...) treinar os militares na prevenção, redução ou eliminação dos efeitos (...) (EEI) em uso nos atuais Teatros de Operações.” (Comando Aéreo, 2011). Quando refere a “prevenção, redução ou eliminação dos efeitos” isto só pode ser conseguido através da identificação das TTP dos insurgentes e da consequente adaptação das nossas TTP. Ao referir “em uso nos atuais” determina a necessidade da atualização das TTP.

Complementarmente, a informação analisada sobre as TTP permite atribuir o caráter de adequação que se pretendia verificar com a H1. Se por um lado a forma mais adequada para incrementar capacidades C-IED será com um treino na fase de aprontamento, por outro, essa eficácia só é possível com introdução das TTP no treino C-IED.

A interligação verificada entre as dimensões: treino *predeployment* e TTP, permitem responder à PD1. Da análise dos dados constata-se que, a forma mais adequada para se incrementar capacidades C-IED nas FND é através do treino C-IED na fase de aprontamento, por este garantir uma preparação mais rápida e adequada ao ambiente



operacional. Por outro lado, o incremento de capacidades C-IED só se torna possível por via de uma aplicação de TTP adequadas no treino C-IED.



3. Da capacidade WIT no C-IED

O objetivo deste capítulo é testar a hipótese “A capacidade de WIT contribui para o treino C-IED através da implementação dessa capacidade na FA e pela sua exploração autónoma diretamente no TO”, apresentada como possível resposta para a PD2 “De que modo a capacidade de WIT pode contribuir para o treino C-IED?”. À semelhança do capítulo anterior também se divide em dois subcapítulos: o primeiro para recolha de dados e o segundo para a análise.

3.1. Capacidade WIT

Entender o engenho é provavelmente a tarefa mais direta por ser também a mais tangível. Envolve uma análise física dos componentes do IED assim como o estudo do seu fabrico como um todo. Vai identificar as metodologias utilizadas no emprego e os métodos do seu funcionamento. Detalhes mais importantes podem ser conseguidos pela identificação do local onde os componentes são manufaturados e como o engenho é construído. Este conhecimento é correlacionado com a exploração de engenhos recuperados e que vêm referenciados nos relatórios TECHINT que são conduzidos pelas WIT.

A exploração de material e pessoal incorpora um sistemático e compreensivo arquivamento, processamento e disseminação de Intel, obtido como resultado de um interrogatório tático, depoimentos de testemunhas e recolha de dados de material recuperado e da observação de fatores táticos na cena de um evento. O Sistema de Exploração C-IED da NATO providencia um processo para explorar materiais e remanescentes de IED recuperados.

O sistema atual da NATO tem três níveis de exploração. O primeiro nível é a exploração do terreno (Nível 1) para o qual podem contribuir várias entidades, desde pessoal sensibilizado para as provas forenses a pessoal especializado como as WIT. O nível seguinte de exploração é mais detalhado e é conhecido como a exploração do teatro (Nível 2) que pode compreender um laboratório de terreno projetável com uma capacidade de exploração técnica e forense. O nível mais alto de exploração é designado como exploração fora do teatro (Nível 3) que é conduzido com apoio à distância pelas instalações nacionais e que providencia uma profunda verificação e análise forense e técnica, utilizando capacidades científicas.

O sistema de exploração C-IED desenvolve-se da seguinte forma: ocorrência de um evento IED; exploração do evento (Nível 1 – exploração no terreno); emissão de um



relatório; célula de análise das várias fontes; Quartel-General para partilha de informação cruzada; informação para o TO (suporte TTP e Lições Aprendidas das Foças Amigas, suporte para Intel e *Targeting*, suporte para aplicação da Lei) ou para fora do TO (suporte para Treino, suporte para seleção de equipamento, informar processos internacionais e nacionais). (NATO, 2014, pp. 2-15)

A informação recolhida é processada e transformada em Intel e disseminada rapidamente para aqueles que a requererem. Este processo de Direção, Recolha, Processamento e Disseminação, é referido como o Ciclo de Intel. Este ciclo é um guia e não estipula uma cronologia que tenha que ser seguida. A informação, por exemplo, pode ser transmitida diretamente de um meio de coleção para um utilizador, onde o meio tem uma capacidade orgânica de processamento.

A contribuição da componente de Intel militar para a abordagem ao C-IED apresenta várias perspetivas, contudo e dado o objeto de estudo em análise, refere-se a que apresenta uma perspetiva mais indicada para a investigação (Partilha). As ações unilaterais no ambiente operacional são cada vez mais improváveis, assim, a necessidade de partilhar Intel torna-se cada vez mais importante. No entanto, a partilha da exploração e da Intel associada entre os parceiros da coligação é complexa devido ao envolvimento de material classificado, à necessidade de proteger interesses nacionais e ao envolvimento de várias agências governamentais e não-governamentais. Contudo, numa coligação esta situação pode ser potencialmente causadora de divisões e para o C-IED um dos importantes princípios é que, sempre que as regras nacionais permitam a partilha de informação esta deve ser partilhada para providenciar interoperabilidade e compreensão comum. É importante a adoção da ideia de “need to write release” e não de “write to protect”. Adicionalmente tornam-se vitais para o sucesso do C-IED as bases de dados e a troca de informação.

A exploração técnica edifica a compreensão das capacidades das ameaças, fornece Intel e apoia numa postura proativa para minimizar, neutralizar e derrotar ameaças. Uma aplicação eficaz das capacidades da exploração técnica vai apoiar outras operações (*targeting*, *force protection* e *law enforcement*) enquanto providencia uma rápida adaptação das tecnologias e das TTP nas operações e no treino.

Uma exploração técnica eficaz alimenta as operações e os ciclos de Intel, ajudando a NATO e as forças da coligação a minimizar e a mitigar ameaças eminentes e de longo termo. A informação disseminada resultante da exploração técnica vai contribuir para as



alertas das ameaças e outro tipo de ferramentas utilizadas para a preservação de vidas e de FP.

A exploração de material deve ser rápida contudo minuciosa. A recolha, transporte, processamento e análise devem ser baseados em métodos eficientes que permitam a rápida disseminação de, informação e material, considerados críticos pela sua importância. A oportunidade na transmissão da informação e da Intel para o comandante é um fator crítico para o sucesso das operações.

A informação produzida pelo processo de exploração técnica e a correspondente Intel resultante deve ser partilhada com a NATO, coligação e outros parceiros, na sua maior extensão possível. Estes documentos devem ser “*written for release*” para suportar a disseminação a um nível de classificação o mais baixo possível. Isto pode significar a necessidade de um sistema com uma arquitetura robusta e aberta que providencie uma adoção generalizada de partilha da informação. A distribuição da informação resultante da exploração técnica deve ser baseada numa necessidade de partilhar em vez de numa necessidade de saber.

Todas as unidades a operar ao nível tático devem ter acesso a uma capacidade de exploração técnica de Nível 1 para garantir uma exploração eficiente e minuciosa de informação crítica e de material. Este pessoal especialmente treinado e equipado pode ser orgânico ou funcionar como suporte para a organização e é expectável que possuam as seguintes valências: apoiar as tropas com o tratamento adequado e seguro de informação e material; conduzir uma análise inicial não-intrusiva para extrair informação de valor imediato de Intel; avaliar e guardar o contexto tático em que os itens foram recolhidos; destacar novas TTP dos adversários ou itens de grande valor vistos pela primeira vez para interesse técnico. (NATO, 2015, pp. 3-3).

Os resultados da exploração técnica de Nível 1 incluem, mas não estão limitados, aos seguintes: *feedback* e relatórios. O feedback de Nível 1 inclui informação relacionada com as TTP e as contramedidas da ameaça tática, assim como Intel para o comandante do nível tático. O pessoal do Nível 1 elaborará um relatório de exploração do terreno para catalogar material, providencia uma avaliação técnica básica, entrega uma avaliação imediata das capacidades e TTP da ameaça.

3.2. Contributo do WIT para o treino C-IED

Este subcapítulo analisa os dados referentes à relação que se pretende avaliar com a hipótese (H2). Com isto, será possível inferir sobre como pode uma capacidade de WIT



contribuir para o treino C-IED. Define, com base na análise das diferentes fontes do estudo, como a implementação dessa capacidade na FA e a sua exploração autónoma contribuem para o incremento de capacidades C-IED. Importa referir que, para facilitar a compreensão, as referências às perguntas e respostas dos interlocutores estão abreviadas e devem ser verificadas no respetivo apêndice.

3.2.1. Implementação

A implementação da capacidade de WIT surge como variável complementar para apoiar no estudo do autor. Para a investigação em causa não interessa aprofundar sobre as três componentes de uma capacidade: formação, recursos e treino. Neste sentido, esta análise estabelece duas possibilidades: implementação da capacidade através da frequência do Curso de WIT do COE C-IED em Espanha; implementação através da replicação na FA do referencial de formação do Curso de WIT do COE C-IED em Espanha.

A análise advém principalmente da experiência do autor e da análise do conteúdo das entrevistas. Assim, na resposta à pergunta quatro (P4) pretende-se analisar o modo mais eficiente para a FA adquirir uma capacidade WIT. O Coronel Veliça foi perentório em afirmar que a implementação da capacidade passaria por atribuir formação no COE em Espanha: “Identificar um pequeno conjunto de militares com competências na área. Dotar estes militares de curso no Centro de Excelência da NATO (...)”. (Veliça, 2017). Por outro lado, o Major Balhanas aponta a possibilidade de a FA através de processos internos adquirir esta capacidade: “ (...) Na Força Aérea e no Exército a futura capacidade poderá ser edificada tendo como base as estruturas EOD/Engenharia já existentes (...)”. (Balhanas, 2017) O Major Fatia foi pouco específico na sua resposta, contudo interpreta-se que atribui a responsabilidade da formação a entidades com experiência e por conseguinte, ao COE C-IED: “ Através da formação de pessoal voluntário (...). Este pessoal deverá ser formado junto de entidades militares ou não, com experiência nesta área.” (Fatia, 2017).

A opção de implementação mais adequada será através de formação no COE do C-IED em Espanha, pela sua experiência em ministrar estas matérias e também pelo fato de ser um Centro certificado pela NATO. Neste sentido, os militares formados têm a garantia da certificação dos seus conhecimentos. Por outro lado, a FA fica mais apta a ser considerada, na representação das FFAA, um coprodutor de segurança internacional no combate ao terrorismo transnacional. (Conselho de Ministros, 2017, p. 8).



3.2.2. Exploração autónoma

Este conceito afigura-se como principal na construção da teoria que se pretende para a interpretação da realidade em estudo. A análise das teorias existentes na doutrina NATO é a base da investigação que, associada à interpretação do autor e das opiniões dos entrevistados, determinam as conclusões.

A exploração autónoma da WIT, na conceção do autor, está relacionada com a possibilidade de uma Força controlar em todo o momento o ciclo de exploração C-IED (recolha, análise, produção de Intel e disseminação). Com a capacidade WIT implementada a Força consegue no TO recolher as informações relativas aos eventos IED. Estas informações são analisadas pela Força produzindo no final e possível de fácil disseminação, as TTP. A mais-valia capitaliza-se pela detenção de informação e possível “moeda de troca” entre as Nações, pelo prestígio que esta capacidade pode determinar perante as coligações, pela Força não estar dependente da informação que possa ser facultada pelos outros e, principalmente, poder sustentar rápida e eficazmente o treino das FND na fase *predeployment*.

A NATO afirma que a WIT é fundamental na recolha e produção de informações relativa a IED. A WIT contribui ativamente para a identificação de TTP e consequentemente para o C-IED através da produção de informação técnica (TECHINT): “A WIT como capacidade contribui diretamente para o C-IED através da produção de TECHINT (...) A WIT deverá informar os comandantes da ameaça, TTP dos insurgentes (...) Este resultado (...) ainda retroalimenta o de Preparar a Força.” (NATO, 2014, p. 2).

A NATO também identifica como potencial problema a partilha de informação entre as nações, o que pode contrariar o conceito do C-IED: “ (...) a partilha da exploração e da Intel associada entre os parceiros da coligação é complexa (...) Contudo, numa coligação esta situação pode ser potencialmente causadora de divisões (...) para o C-IED um dos importantes princípios (...) a partilha de informação esta deve ser partilhada para providenciar interoperabilidade e compreensão comum.” (NATO, 2012, pp. 2-13).

Todos os entrevistados, através das respostas às P5 e P6, identificam as TTP como o principal resultado das informações recolhidas pelas WIT: “As informações contida nos relatórios produzidos pelas equipas WIT são a forma mais rápida e expedita de obtenção de *intelligence* (...) Deste modo a informação WIT sobre o incidente em termos táticos (identificando e confrontando as TTP do IN com as nossas) (...) produzindo factos, conclusões e recomendações (...) pode ser disponibilizada quase de imediato.” (Balhanas,



2017). Afirmam ainda que detendo uma capacidade capaz de disseminar rapidamente a Intel que tal fato contribui ativamente para o treino das FND: “ A identificação dos métodos de operação e dos meios utilizados nos engenhos são um instrumento importante (...) Colocando no processo o fator de “lições identificadas/aprendidas” que permita sistematizar a informação alimentando os militares que no terreno se expõem a estes riscos.” (Veliça, 2017).

Se a hipótese apresentada pelo autor para demonstrar a resposta à PD2 estaria entre as dimensões analisadas, de implementação e da exploração autónoma do WIT, então conseguiu-se avaliar a relação existente entre a capacidade WIT e o seu contributo para o treino C-IED, por via das TTP. O principal produto que se obtém da capacidade de WIT são as TTP, tornando o treino C-IED adequado ao ambiente operacional, conforme definido na H2.

No final deste capítulo e após terem sido respondidas as perguntas derivadas com as hipóteses apresentadas, importa responder à PP. Assim, o incremento de capacidades C-IED acontece por via do treino C-IED na fase de aprontamento. Sendo que só existe incremento efetivo se o treino for adaptado ao ambiente operacional que advém da aplicação de TTP adequadas fornecidas em tempo oportuno.



Conclusões

O desenvolvimento deste trabalho de investigação assentou num processo hipotético-dedutivo. Da perspetiva subjetiva observada pelo autor surgem as hipóteses como possíveis construções da realidade. Teorias que o autor comprovou através de uma estratégia qualitativa e tendo como base um desenho de pesquisa de estudo de caso. Efetivamente o autor orientou a sua pesquisa na NATO, uma organização cujo conceito deriva da projeção de Forças e da preparação destas. Neste sentido, o modelo de análise foi estruturado em conceitos decorrentes das hipóteses criadas e consequentemente nas variáveis e indicadores que se consideravam para análise. Os resultados obtidos decorreram da análise de conteúdo da pesquisa documental e das entrevistas efetuadas no processo de investigação. Se por um lado se sustentaram nos conceitos da NATO, por outro, contaram com a experiência de interlocutores referenciados e conhecedores da realidade em estudo. As entrevistas permitiram fundamentar mais acuradamente a visão subjetiva da realidade, nomeadamente, a análise de determinados fatos que, apesar de estarem vertidos em doutrina, a experiência dos interlocutores comprovou que a realidade pode ser bem diferente do apregoadado, principalmente na área da partilha de informações.

As conclusões ou avaliação dos resultados que foram obtidos no final do processo de investigação só se tornam efetivos com a comparação com os objetivos e hipóteses apresentados. Assim, se o problema relacionado com a investigação estava identificado com a melhor forma para se incrementar capacidades de C-IED nas FND, a solução proposta sobre a forma de hipótese, culminaria em treino C-IED na fase de aprontamento, sustentada por uma capacidade de WIT explorada autonomamente.

As hipóteses um e dois consideram-se comprovadas pela análise efetuada dos dados recolhidos. De fato, conclui-se que o incremento de capacidades C-IED numa FND deve ser através do treino C-IED, devendo ser efetuado na fase de aprontamento (*predeployment*). Estas conclusões decorrem da análise efetuada à doutrina NATO que considera essencial o treino para a projeção de Forças. Enfatiza ainda, a capacidade que esse treino deve ter, de ser realista e projetar o mais possível o ambiente operacional do TO. Segundo esta organização o treino C-IED só é realista se for constantemente fornecido com Intel adequada que se consubstancia na identificação das TTP dos adversários. Considera-se que são as TTP que proporcionam o caráter realista ao treino C-IED e desta forma a possibilidade de adaptação ao ambiente operacional. Complementarmente ao treino C-IED que possibilita o incremento de capacidades C-IED através das TTP, a



condição essencial para que tal possa acontecer reside na capacidade WIT. Esta hipótese apresentada na investigação vem complementar o processo. Conclui-se que esta capacidade é determinante para a identificação de TTP e por conseguinte para a sustentação do treino. A análise dos dados conclui nesse sentido. Os conceitos doutrinais da NATO indicam que a WIT produz informações no âmbito da TECHINT e que estes são a base das TTP. Se as TTP são o essencial para o treino, então quem os produz torna-se um ativo bastante importante no processo. Efetivamente, esta hipótese vai ainda mais longe, considera que a verdadeira mais-valia reside na exploração autónoma desta capacidade. Apenas e só porque a observação subjetiva do autor assim direcionou a investigação, assente na perspetiva de que determinados conceitos doutrinais quando aplicados na realidade perdem o efeito pretendido inicialmente. Esta noção tem grande aplicação na área de Intel, denotando-se que, apesar de todos os esforços das organizações multinacionais e da perspetiva do bem comum, a realidade demonstra que na maioria dos casos os interesses ou as restrições nacionais sobrepõem-se. Este fato pode ser verificado e até é considerado pela NATO na sua doutrina, ainda que subliminarmente, bem como também o é por alguns dos entrevistados. Neste sentido, a possibilidade de explorar autonomamente a capacidade que produz Intel para o ciclo de exploração, apresenta-se como uma condição determinante no processo de incremento de capacidades C-IED. A conclusão maior, se é que existem diferenças, é mesmo esta. Pragmaticamente é a exploração autónoma do WIT que irá garantir o incremento de capacidades C-IED nas FND por estar na génese da Intel necessária para edificar o processo do treino.

Na resposta à pergunta de partida que originou a investigação: “De que forma a FA pode incrementar capacidades de C-IED nas FND aquando a projeção para TO em que a ameaça de engenhos explosivos improvisados é elevada ou significativa?” O teste das hipóteses permite responder à PP da seguinte forma: a FA incrementa capacidades C-IED através do treino C-IED e da exploração da capacidade WIT.

No decorrer da investigação foram analisados os diferentes conceitos que estruturam também os objetivos definidos: demonstrar de que modo o treino C-IED, na fase do aprontamento, contribui para incrementar capacidades nas FND; interpretar o ciclo de informações C-IED e de que forma este se relaciona com o treino C-IED das FND; demonstrar de que forma o WIT define as TTP dos insurgentes; interpretar de que forma uma capacidade de WIT na FA pode incrementar capacidades nas FND. Os objetivos, concomitantemente, com a pergunta de partida direcionaram a investigação.



Sendo o treino C-IED a forma mais adequada para incrementar capacidades C-IED deve contudo obedecer a determinadas condições, nomeadamente, ser efetuado na fase de aprontamento e ter como base as TTP dos insurgentes. A conclusão pela fase de aprontamento porque determina a correta adaptação da Força ao ambiente operacional do TO, garantindo uma melhor preparação quando a Força for projetada e diretamente relacionada com a salvaguarda da vida humana, por evitar a perda de militares. As TTP como base porque são estas que vão caracterizar e identificar o ambiente operacional. Estas inserem-se no sistema de exploração C-IED e são o produto final que deve chegar à Força para inclusão no treino. Determinante para o incremento de capacidades C-IED é a capacidade de WIT. Na análise deste conceito e tendo como orientação o objetivo da investigação, este, incremento de capacidades, acontece se forem observadas determinadas condições, nomeadamente, a exploração autónoma inserida no sistema de exploração C-IED e a sua implementação na FA. A exploração autónoma por se concluir que quem detém a Intel facilmente a movimenta e a transmite dentro da Força, não estando dependente de outros. Assim, para se conseguir este ponto crucial é necessário deter essa capacidade e aplicá-la no TO, por ser este o local onde é possível a recolha de informações essencial para a definição das TTP. A FA não tem implementada a capacidade de WIT. A NATO considera como desejável que todas as Forças detenham uma capacidade de análise de eventos IED. Apesar da FA deter a capacidade C-IED aplica-a de uma forma genérica e pouco realista, verificando-se inclusivamente, que esta área na maioria das vezes é descurada no aprontamento por constrangimentos diversos. Neste sentido, conclui-se que a melhor forma para se implementar a capacidade de WIT será através do vetor da formação no Curso de WIT no COE C-IED em Espanha. Especificamente este Centro por ser certificado pela NATO e pela experiência que detém nesta matéria, fatores considerados pelos interlocutores como essenciais para a edificação de uma capacidade neste âmbito.

Os contributos que esta investigação trouxe para o conhecimento estão principalmente relacionados com a perspetiva subjetiva da realidade do autor e as respetivas conclusões. Estas refletem o carácter corretivo do conhecimento porque, apesar de os dados recolhidos refletirem a realidade, eles são analisados à luz da subjetividade do autor. O próprio conhecimento conterà sempre uma subjetividade por via do autor e da sua forma de olhar e interpretar a realidade. Nesse sentido, o contributo do autor decorre da teorização sobre a exploração autónoma do WIT e do seu contributo para o treino C-IED.



Ainda que uma das possibilidades de edificar a capacidade de WIT na FA fosse a implementação de um curso com referência ao curso do COE C-IED em Espanha e com isso criar uma capacidade formativa sustentável, a criação de experiência e de certificação são processos demorados e carecem de uma perspectiva estratégica. Sendo que a solução identificada (frequência do curso no COE C-IED em Espanha) garante a capacidade pretendida e de uma forma mais rápida e tendo como base os requisitos caracterizados pelos interlocutores das entrevistas (experiência de formação e certificação), então esta será determinante para as recomendações que se propõem. Nesse sentido, as recomendações são as seguintes:

À DIVOPS:

- promover o processo de ratificação e implementação da capacidade de WIT;
- prever no processo de geração de FND a inclusão das equipas WIT.

Ao CA:

- identificar um número adequado de militares para a constituição das WIT e que estes efetuem o Curso de WIT no COE C-IED em Espanha;
- identificar os recursos necessários para a edificação da capacidade de WIT;
- identificar uma estrutura de dependência destas equipas tendo em atenção o conceito multidisciplinar das WIT;
- planear a projeção das equipas WIT para os TO em que se preveja que a FA venha a ter FND e de acordo com a condição da ameaça;
- planear e executar, na fase de aprontamento de uma FND e de acordo com a ameaça, o treino C-IED com as TTP atualizadas dos insurgentes; constituir um processo de gestão da informação inserido no conceito do sistema de exploração C-IED;
- definir legislação enquadradora das WIT e das informações C-IED.

Se o objeto de estudo da investigação foi o incremento de capacidades C-IED nas FND então as limitações estarão para além do que se investigou. As limitações deste estudo, já identificadas, decorrem do próprio processo de investigação e da delimitação do objeto de estudo. A particularidade do tema ser muito específico e técnico condicionou a amostra dos interlocutores tendo esta ficado limitada a três. A dificuldade de identificar interlocutores que conseguissem abordar o assunto com substância e conhecimento para poderem ser inseridos como fatos para análise foi extremamente difícil. Por outro lado, o conceito WIT envolve três níveis de exploração da informação, sendo que apenas foi analisado o primeiro nível pela sua capacidade prática de produzir informações



rapidamente. Também o conceito de implementação da capacidade de WIT foi apenas analisada na perspetiva de um dos vetores: a formação. O autor não considerou relevante uma abordagem mais abrangente da implementação por considerar que os restantes vetores (treino e recursos) não teriam interferência significativa para o estudo em causa. Neste sentido, não foi avaliado o impacto orçamental que a implementação desta capacidade poderia ter. Por último, não foi avaliada a possibilidade de esta capacidade de WIT poder ser conjunta com os três Ramos das FFAA, sendo que todos projetam FND.

Sendo que as limitações potenciam futuras pesquisas então como possibilidades para pesquisa descrevem-se as seguintes: estudo da implementação da capacidade de WIT na FA; estudo da implementação da capacidade de WIT nas FFAA; estudo da exploração dos três níveis do WIT.

Finalizando, a investigação determinou qual a forma mais adequada para conseguir chegar ao objetivo geral do estudo, concluindo que tal passaria pela exploração de uma capacidade de WIT e da inclusão das TTP no treino C-IED.



Bibliografia

- Balhanas, F., 2017. *WIT - Implementação do curso de WIT e incremento de competências e capacidades* [Entrevista]. Madrid (5 Maio 2017);
- Comando Aéreo, 2011. *Qualificações dos Militares da Força Aérea no Desempenho de Funções Operacionais* (NEP/OPS-051 A2). Monsanto: Força Aérea;
- Conselho de Ministros, 2013. *Conselho Estratégico Defesa Nacional* (Resolução do Conselho de Ministros nº 19/2013). Lisboa: Diário da República;
- Fatia, F., 2017. *WIT - Implementação do curso de WIT e incremento de competências e capacidades* [Entrevista]. Lisboa (4 Maio 2017);
- Governo, 2014. *LOFA - Lei Orgânica da Força Aérea* (Decreto -Lei nº 187/2014). Lisboa: Diário da República;
- IESM, 2015a. *Regras de Apresentação e Referenciação para os Trabalhos Escritos a realizar no IESM* (NEP/ACA 018). Pedrouços: IESM;
- IESM, 2015b. *Trabalhos de Investigação* (NEP/ACA 010). Pedrouços: IESM;
- NATO, 2012. *Allied Joint Doctrine for Countering-Improvised Explosive Devices* (AJP-3.15 B). s.l.:NATO;
- NATO, 2014. *NATO Weapons Intelligence Team (WIT) Capabilities* (ACIEDP-02 A). s.l.:NATO;
- NATO, 2015. *Technical Exploitation* (AIntP-10 A). s.l.: NATO;
- Quivy, R. & Campehoudt, L. V., 2005. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4ª Edição ed. Lisboa: Gradiva;



- Santos, L. et al., 2016. *Orientações Metodológicas para a Elaboração de trabalhos de investigação*. [livro eletrónico] Lisboa: IUM. Disponível em: [HTTP://www.iesm.pt/cisdi/ebooks/cadernosiesm/caderno8](http://www.iesm.pt/cisdi/ebooks/cadernosiesm/caderno8). [Acedido em 7 Dez. 2016];
- Veliça, C., 2017. *WIT - Implementação do curso de WIT e incremento de competências e capacidades* [Entrevista]. Lisboa (11 Abril 2017).



Apêndice A — Mapa Concetual

PERGUNTA DE PARTIDA	PERGUNTAS DERIVADAS	HIPÓTESES	CONCEITOS	DIMENSÕES	INDICADORES
PP: De que forma a Força Aérea pode incrementar capacidades de <i>Countering-Improvised Explosive Device</i> nas Forças Nacionais Destacadas aquando a projeção para Teatros de Operações em que a ameaça de engenhos explosivos improvisados é significativa ou elevada?	PD1: De que forma o treino <i>Countering-Improvised Explosive Device</i> na fase de <i>predeployment</i> pode contribuir para incrementar as capacidades das Forças Nacionais Destacadas da Força Aérea?	H1: O treino C-IED na fase <i>predeployment</i> incrementa capacidades nas Forças Nacionais Destacadas através da aplicação de TTP atualizadas e adequadas para fazer face às TTP identificadas dos insurgentes.	Incremento de capacidades	Treino	Treino C-IED
					Treino <i>predeployment</i>
				TTP	Identificação TTP IN
					Adaptação nossas TTP
	PD2: De que modo uma capacidade de <i>Weapons Intelligence Team</i> pode contribuir para o treino <i>Countering-Improvised Explosive Device</i> ?	H2: A capacidade de WIT contribui para o treino C-IED através da implementação dessa capacidade na FA e pela sua exploração autónoma diretamente no Teatro de Operações.	Capacidade WIT	Implementação	Curso WIT CoE Espanha
					Aplicação na FA
				Exploração autónoma	WIT no TO
					Produção autónoma de informações



Apêndice B — Guião de Entrevistas

PERGUNTAS ENTREVISTA
P1: Como pode a FA incrementar as capacidades das FND quando estas são projetadas para Teatros de Operações em que a ameaça relativa a engenhos explosivos improvisados é significativa ou elevada?
P2: Sendo que o treino das FND pode ser considerado em duas fases distintas: <i>predeployment</i> e <i>in theatre</i> . Qual será a forma mais adequada de aplicação do treino C-IED às FND e porquê?
P3: De que forma as FND conseguem efetivar um treino atual e adequado de C-IED de acordo com o TO para o qual vão ser projetadas?
P4: Qual o modo mais eficiente para a FA adquirir uma capacidade de WIT?
P5: De que forma o WIT pode contribuir para a produção de informações sobre o IN?
P6: De que modo as informações recolhidas pelo WIT na exploração do terreno se transformam, de uma forma célere, em TTP identificadas e consequentemente retroalimentam o treino <i>predeployment</i> C-IED?



Apêndice C — Entrevistas

ENTREVISTAS		
ID	COR/PA Cristóvão Veliça	Validação
Função	Chefe GCSMFA	
Data	11 de abril de 2017	
Local	CA	
P1	<p>É importante ressaltar que na maioria das missões de FND onde participam meios da FA as deslocações para zonas de risco com EEI são diminutas e por isso legítimo interrogar, se faz sentido edificar uma capacidade face á perspectiva de exposição. A abordagem ao desenvolvimento de um modelo conjunto deve ser equacionada ou pelo menos avaliada. O desenvolvimento destas capacidades tem que assentar na obtenção de conhecimento preciso e atualizado das ameaças e das TTP's neste campo. São possíveis duas soluções:</p> <p>1- Esforço para obter este conhecimento através de um conjunto de militares dedicados para este efeito aos quais deve ser proporcionada oportunidade de integrar missões nesta área, de forma autónoma ou participando em projetos cooperativos com aliados.</p> <p>2- Aceder a fontes com grande conhecimento de C-IED e dessa forma poder transmitir conhecimento aos militares a projetar.</p>	Sim
P2	<p>Avaliada a missão são identificadas as ameaças no TO derivando daí o programa de aprontamento. O tempo disponível para este aprontamento é, tradicionalmente, muito curto fruto de processos complexos que culminam com a aprovação superior de participação na missão. Este habitual encurtamento do aprontamento compromete normalmente a área de C-IED pelo que são boas soluções:</p> <p>Na fase de <i>predeployment</i> – Transmitir as particularidades da ameaça C-IED no TO, os princípios básicos da atividade e maior insistência nas práticas rotineiras de prevenção.</p> <p>Na fase <i>in theatre</i>: Continuar a praticar os procedimentos ensinados anteriormente e atualizar a informação em função da evolução que ocorrer no terreno.</p>	Sim
P3	Por norma não o fazem. A abordagem é genérica.	Sim. Validado na R1/6.
P4	Identificar um pequeno conjunto de militares com competências na área. Dotar estes militares de curso no Centro de Excelência da NATO. Constituir equipas a projetar nas FND e procurar que se integrem com outras equipas aliadas que operam no TO. Logo que tenham conhecimentos sólidos podem ser oferecidas para integrar forças multinacionais de modo a obter acesso a informação atualizada.	Sim



WIT – *Weapons Intelligence Team*. Implementação do Curso WIT e incremento de competências e capacidades

P5	A identificação dos métodos de operação e dos meios utilizados nos engenhos são um instrumento importante para se saber qual a origem dos engenhos, quem são os fornecedores e qual o grau de conhecimento de que dispõem.	Sim
P6	Colocando no processo o fator de “lições identificadas/aprendidas” que permita sistematizar a informação alimentando os militares que no terreno se expõem a estes riscos.	Sim

ENTREVISTAS		
ID	MAJ/TOCC Fatia	Validação
Função	Chefe A2	
Data	4 de maio de 2017	
Local	CA	
P1	Através da formação teórica e do treino do pessoal em C-IED, durante a fase de aprontamento.	Sim
P2	Na fase de aprontamento, com aulas teóricas sobre as TTP utilizadas no teatro em causa. No teatro, através do treino prático.	Sim
P3	Através da elaboração de um cenário credível com inclusão das TTP identificadas e atualizadas que foram previamente apresentadas ao pessoal da Força.	Sim
P4	Através da formação de pessoal voluntário devidamente selecionado e que detenha já alguma experiência na área de armamento. Este pessoal deverá ser formado junto de entidades militares ou não, com experiência nesta área.	Sim
P5	A WIT contribui para o ciclo de informações através da produção de relatórios sobre ataques IED para os quais a WIT foi chamada a intervir.	Sim
P6	Os relatórios da WIT são posteriormente analisados de modo a contribuírem para um melhor entendimento do ambiente operacional, o que depois irá ajudar o processo de decisão e o melhoramento das ações de C-IED.	Sim



ENTREVISTAS		
ID	MAJ/PA Francisco Balhanas	Validação
Função	CoE C-IED	
Data	5 de maio de 2017	
Local	Madrid - Espanha	
P1	Se o <i>assessment</i> do TO e consequentemente do tipo e nível de ameaça que o Inimigo (Oponente/Insurgente ou como usa agora a NATO, “ <i>no state actors</i> ”) indicar que a probabilidade de uso/emprego de IED (<i>Improvised Explosive Devices</i>) é significativa ou elevada, então o treino de C-IED é obrigatoriamente introduzido na fase do <i>predeployment</i> . Por ser um treino muito específico e focado neste tipo de ameaça, emprego e uso de IED como uma das armas (<i>weapons of choice</i>) por parte das forças insurgentes (<i>Threat Networks</i> , em conflitos armados assimétricos é aconselhável que se treine de acordo com o nível de ameaça, tipologia e modo de emprego dos engenhos (TTP – <i>Tactical, Technical and Procedures</i>) no TO.	Sim
P2	O treino de C-IED terá que obrigatoriamente ser introduzido nesta fase de <i>predeployment</i> , visto que este tipo de treino não faz parte do conjunto de <i>individual common core skills</i> do combatente, apesar de na Força Aérea o Reconhecimento e identificação de Engenhos Explosivos convencionais e improvisados fazer parte das disciplinas de formação de um modo geral em todas as classes (Praças, Sargentos e Oficiais), sendo mais tarde objeto de um curso de qualificação operacional para os graduados da especialidade de Polícia Aérea. Assim, é de todo recomendável que toda a informação que o serviço de informações (<i>intelligence</i>) do Ramo possua sobre a ameaça e TTP presentes no TO, seja disponibilizada sob a forma de palestras (<i>briefings</i>), aulas teóricas e por fim o treino operacional das nossas TTP (por oposição às TTP do inimigo) e despertando e consciencializando para os perigos existentes na AOR (<i>Area of Our Responsibility</i>), consciência dos perigos colocados pelos IED (<i>C-IED Awareness</i>) e incrementando as capacidades individuais e coletivas da força militar a destacar para lidar com estes novos desafios.	Sim
P3	As FND conseguem efetivar um treino atual e adequado de C-IED de acordo com as exigências do TO para o qual vão ser projetadas quando todo o processo/ciclo de “ <i>Prepare the Force</i> ” está a funcionar em pleno na fase do <i>predeployment</i> . Em que o treino operacional ministrado é suportado pelas informações mais atuais (<i>upgrade</i>) provenientes da AOR, incluindo a identificação das TTP utilizadas pelo Inimigo/Oponente e adoção das nossas TTP por oposição para derrotar as do inimigo (incluindo as utilizadas em outros sectores que não pertençam à nossa AOR, porque em conflitos assimétricos é a constante alteração da tipologia de engenhos e o modos de emprego/TTP). Nos recentes TO, a constante mudança de TTP e alteração das nossas TTP é uma questão de sobrevivência, a tentativa de antecipar o próximo o local onde ocorrerá um novo ataque e “ <i>modus operandis</i> ” é uma questão de obtenção do máximo de informação, conhecimento e análises (<i>intelligence</i>), sendo que na grande maioria dos eventos a Força Militar Destacada tem uma resposta reativa (após acontecer o evento, ataque, explosão).	Sim



WIT – *Weapons Intelligence Team*. Implementação do Curso WIT e incremento de competências e capacidades

P4	<p>Deste modo, após formar um conjunto de formadores nacionais qualificados como operadores WIT, será necessário adquirir entre quatro a cinco kits de treino para as equipas (na doutrina NATO uma equipa WIT é composta por 4 elementos) a formar durante o curso (o limite de estudantes está normalmente situado entre os 16 e 20 alunos por curso), material didático e instalações disponíveis (sala de aulas e área de demolições) e outros meios de apoio ao curso (viaturas).</p> <p>Na Força Aérea e no Exército a futura capacidade poderá ser edificada tendo como base a estruturas EOD/Engenharia já existentes nos Ramos, sendo clara a ligação as atuais capacidade do <i>Defeat the Devices</i> (DtD) no C-IED (a capacidade/componente EOD e <i>Combat – Engineers</i> fazem parte das componentes de inativação ou destruição/limpeza da ameaça dos IED (DtD – <i>enablers</i>), pelo que me parece compreensível, no entanto a capacidade de C-IED não se resume ao EOD, muito pelo contrário sendo a mesma uma atividade transversal a todas as componentes de uma força.</p> <p>Pessoalmente parece-me uma decisão bastante acertada e coerente, visto que segue a mesma linha de compromissos internacionais assumidos pelo EMGFA com a participação nacional (pessoal da FA e Exército) no projeto do JDEAL (<i>Joint Deployable Exploitation and Analysis Laboratory</i>) da EDA (<i>European Defence Agency</i>), que é um novo projeto europeu de Laboratório (Level 2) projetável para a AOR, baseado e assente na experiência e saber alcançado a partir do anterior laboratório (MNTEL – <i>Multi National Technical Exploitation Laboratory</i> que esteve destacado em Cabul (Afeganistão) apoiando a ISAF.</p>	Sim
P5	<p>As informações contida nos relatórios produzidos pelas equipas WIT são a forma mais rápida e expedita de obtenção de <i>intelligence</i>, as informações técnicas provenientes dos Laboratório nível 2 podem demorar entre algumas horas e pelo menos 24 horas em casos de extrema urgência, em média entre 48-72 horas, dependendo do volume de trabalho a que estejam sujeitos.</p> <p>Deste modo a informação WIT sobre o incidente em termos táticos (identificando e confrontando as TTP do IN com as nossas) e técnicos referente (s) ao (s) engenho (s) utilizados pelo IN (confrontando alterações ou introdução de novas tecnologias e em caso de sucesso qual o nosso sensor ou capacidade que foi derrotada), produzindo factos, conclusões e recomendações para o Oficial de C-IED ou Comandante da Força, pode ser disponibilizada quase de imediato (em casos de utilização de novas armas/IED ou identificadas novas ou alteração de TTP). É de todo recomendável que se utilizem modelos de reporte estandardizados ou em aplicações informáticas que permitam o envio de informação imediato para uma base de dados num servidor das operações de utilização conjunta comum geral pelas várias componentes (mas de acesso controlado ou restrito).</p>	Sim
P6	<p>Se houver a preocupação de ter um órgão (secção, célula, departamento) responsável por identificar e recolher as lições identificadas ou apreendidas (<i>lessons learned</i>) no TO pela respetiva Força ou pelos seus Parceiros e que sejam reenviadas a fim de serem incorporadas na fase de treino <i>predeployment</i> C-IED da próxima Força a ser destacada (tem que ser feito um constante <i>upgrade</i> da informação proveniente do TO), evitando-se assim cometer o mesmo erro (uso de TTP derrotadas) ou expor desnecessariamente os combatentes ao mesmo tipo de riscos (preocupação constante para Prepare the Force, ministrar sempre a melhor e mais atualizada instrução/treino).</p>	Sim